

Stadium

N.º 364
23 - Novembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



FRANCISCO FERREIRA, CAPITÃO DO GRUPO DE HONRA DO BENFICA. ENCARNA O ESPÍRITO DO JOGADOR PORTUGUÊS, DE FOGOSO TEMPERAMENTO E RAÍZ INFINITA

Já não era sem tempo!

ENFIM, a veneranda Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol resolveu-se a agir, transformando o seu Conselho Técnico em Comité de Selecção, pela segunda vez na sua já longa existência de competições feitas.

O porquê da demora está no facto da Comissão ter o rótulo de demissionária, estar convencida de que o problema não exigia grandes pressões, e não ser sua intenção deixar uma herança que constituísse uma tortura para os dirigentes sucedâneos.

Eis senão quando se levanta um clamor mais ou menos em todo o País, e a referida Comissão não teve outro remédio senão sentir o eco, e fazer alguma coisa. Levado o caso às instâncias superiores, a resolução foi de que tratasse a actual Comissão Administrativa dos problemas do futebol português como se a sua vida não tivesse os dias contados, isto é, como se não houvesse renovação do quadro dos dirigentes.

Embora a medida devesse ser adoptada no começo da época, ainda há tempo suficiente para fazer alguma coisa. As dificuldades são visíveis: apesar de tudo quanto se diga, é possível elaborar uma Selecção digna e transformá-la na espécie que todos desejamos de grupo de clube.

Se não se pode agir na solução do começo da época transacta, pegando na equipa de um clube como base da representação de Portugal, poderá perfeitamente designar-se onze valores de classe internacional e uní-los na mesma fé e na mesma vontade. Para tal, será preciso a quem vai modelar a obra, olhos de liçe, conhecimentos suficientes, transigências de bom senso, perfeito conhecimento dos homens e uma dedicação sem limites. Salvador do Carmo e João de Brito, dois experientes de longa data, e Amadeu Rodrigues, que vem à liça, estão em condições de produzir trabalho bem acabado.

Não deixa de ser interessante verificar a variação de critério da actual Comissão Administrativa no que respeita à Selecção e preparação da Equipa Nacional. Veja-se a evolução. Primeiro, adopção de fórmula de Comité de Selecção adoptando para tanto o seu Conselho Técnico, de composição semelhante ao de hoje; depois, fase mais prolongada de seleccionador único; logo, novamente Comité de Selecção, desta vez pondo de parte o Conselho Técnico, com a duração de uma época; e a seguir, com a mesma duração efémera, seleccionador único; para, agora, recair outra vez no recurso do seu Conselho Técnico como membros seleccionadores.

Se esta mutação de critérios surge realmente como uma viva curiosidade, é de aplaudir que tudo se deite para trás e se comence a trabalhar com a devida profundidade, visto a tarefa desta época se apresentar particularmente difícil. Mais talvez que as antecedentes. É preciso que a Comissão Administrativa confie nos homens que designou, de consciência tranquila e bem avariada, e estes não deixarão de ser dignos, por certo, dessa confiança. Por agora, há que pronunciar apenas as palavras sacramentais e aguardar os acontecimentos: vai começar a selecção e preparação do Grupo Nacional. Senhores: já não era sem tempo!

No Mundo da Bola

Pelo jornalista Desconhecido

ASSEMBLEIA EXTRAORDINARIA DO BELENENSES

Há um movimento — desconhecê-lo, é um erro — a favor da convocação de uma assembleia geral extraordinária do Belenenses. Apesar de tais reuniões se efectuem obrigatoriamente em Janeiro próximo, os associados do Clube de Belém entenderam que o caso é tão grave que não devem perder um mês.

Quais as razões que originam esse movimento?

Estão, sem dúvida, condensadas no preâmbulo das listas espalhadas pela cidade onde se diz:

«A difícil situação financeira do clube, por vários factos demonstrada e por vezes confessada por alguns membros da actual Direcção; a péssima classificação — única durante os 30 anos de existência do C. F. «Os Belenenses» — obtida pelo «team» de honra no torneio «Taça Preparação»; a perigosa posição que o mesmo «team» ocupa presentemente, no Campeonato Nacional de Futebol, e, ainda, as classificações nalgumas outras modalidades desportivas justificam receios e preocupações quanto ao futuro dos Belenenses».

Pensamentos

Havia uma forma simples de acabar com os erros dos árbitros. Era acabar com os próprios árbitros!

Os juizes de campo têm um apito, mas ainda não está esclarecido para que serve isso.

Chama-se em Portugal árbitros internacionais, aos que nunca dirigiram um jogo internacional. Até nisto somos diferentes dos outros povos.

Os espanhóis continuam a afirmar que, quem vencer a eliminação, é que deve ir ao Brasil. Com uma condição: que sejam eles os vencedores.

Se Portugal perder, diz-se, não devemos ir ao Brasil. Já alguém recusou a Sorte Grande?

CONTA-GOTAS

Tavares da Silva no Funchal

Ao nosso Chefe da Redacção, dr. Tavares da Silva, foi dirigido um agradável convite pela organização da Excursão do Fim do Ano ao Funchal no «Serpa Pinto», para visitar a Madeira naquela data, fazendo a viagem ao mesmo tempo que o Sporting.

Tavares da Silva aceitou o convite, segundo nos disse, pela simpatia madeirense e também para relembrar velhas amizades e com esses homens cavaquear um pouco...

A notícia da aceitação foi acolhida na Madeira com alvoroço. É possível que, correspondendo a várias solicitações, o conhecido jornalista e técnico faça uma palestra sobre futebol na Ilha encantada, a Ilha que tem dado tantos jogadores, mas cujo representante está ameaçado de não vir ao continente.

Fazer o mal e a caramunha...

Em quase todos os desafios assistimos a várias altitudes de jogadores que, para encobrir os seus erros de execução, lançam o público para cima do árbitro. Verdade seja, os juizes têm um pouco de culpa porque, verificando o procedimento, não têm coragem para lhe pôr cobro.

É sabido e certo que, um jogador, seja ele qual for, recebendo a bola e após corrida atirando às balizas, com adversário à ilharga e em movimentos

paralelos, atribue quase sempre a falta do inimigo a deficiência do remate cifrado em pontapé torto e alto, ou em falta de força para atingir o alvo em cheio.

O jogador que falha neste remate não esconde o descontentamento, mostrando por gestos que a culpa do sucedido cabe à atitude contra-regulamento do adversário, não punida pelo árbitro. E o público torna-se solidário com a vítima, e o árbitro é vexado. Não pode ser!

Pé no ar...

Uma das práticas frequentes dos guarda-redes, que se julgam com imunidades para fazer tudo que lhes agrade na sua área, consiste no salto à bola segundo os pés para a frente como lança em risse destinada a colher todo aquele que se lhe apresente no caminho.

E dá-se frequentes vezes o caso dos avançados, embora colhidos, serem ainda por cima punidos. Isto não conduz, evidentemente, a um salutar estado de espírito da parte dos deanteiros.

Se as Regras protegem justamente mais os fidalgos das redes que os outros plebeus do rectângulo, parece-nos que a sua interpretação não poderá ir até ao ponto de os lavar de todas as nódoas. Puna-se, portanto, os guarda-redes nestas suas intenções maléficas com rigor, tendo no entanto em conta a especialidade das funções e sua especial regulamentação.

CORRE QUE...

Não tem o mais leve fundamento a notícia do Barrigana no Benfica. O clube lisboeta foi categorico no desmentido. Agora já se diz que ele vai para o Sporting.

♦ Rogério foi colocado nas Reservas do Benfica como sanção, por virtude das suas últimas exhibições.

♦ A resolução do que respeita à Selecção Nacional é mais uma criação do dirigente dr. Virgílio Paulo, que tão bons serviços tem prestado à Causa com as suas intervenções. Mas diz-se que a proposta partiu do iluminado dirigente cap. Maia de Loureiro.

♦ A Académica tem fundadas esperanças de ver deferida a seu favor a transferência do jogador Duarte, de Benfica, aliás, vindo do Sporting.

♦ Não tem qualquer fundamento a notícia de que Tavares da Silva assumiria novamente as funções da orientação técnica do Belenenses.

♦ Tendo-se Cândido de Oliveira mostrado irreductível no sentido de continuar à frente do Sporting, tecnicamente, o encargo de orientar a equipa leoniceza está a ser desempenhado pelo dr. António Ribeiro Ferreira.

♦ O Almada vai recorrer da decisão que deu o caso do jogador Sousa Pereira solucionado a favor do Belenenses.

♦ Vem aí os dirigentes espanhóis para tratar com a nossa Federação dos encontros de qualificação para o Campeonato do Mundo.

♦ O Benfica tenciona trazer a Associação Académica de Coimbra para a Festa de Despedida de Espírito Santo a 8 de Dezembro. Já tem a solução afirmativa.

FALA UM HOMEM DO APITO!

O árbitro Borques Leal

refere-se a vários aspectos da arbitragem e do futebol português...

O árbitro Borques Leal é um dos homens do apito que actualmente está dando nas vistas. As suas arbitragens têm saído perfeitamente e o seu critério de julgamento tem merecido referências elogiosas. Além disso, Borques Leal é um dos árbitros indicados para ir ao Campeonato do Mundo. O outro é Vieira da Costa.

Foi jogador de futebol no Sporting e no Belenenses — médio-centro — só pelo prazer de jogar à bola uma vez por outra, sem cuidar muito das horas dos treinos... que também o não podia fazer pelo horário do seu emprego. No entanto ainda jogou à bola doze anos. Era no tempo em que se começava muito novo. Reconhecia a habilidade. Depois fez-se árbitro, quase sem querer, talvez por acaso. Fez bom exame. Deixou ficar a impressão de que viria a ser um bom apito. O pré-saio saiu certo. E' o mais novo dos árbitros em actividade. Sete anos de arbitragem, tendo passado a árbitro de 1.ª categoria no jogo Benfica-Belenenses para a taça «5 de Outubro», em 1942. Havia só oito meses que arbitrava e aquela foi o seu 13.º jogo. Prometia. A sua internacionalização foi como fiscal de linha. Dois jogos: Portugal-Irlanda e Portugal-Pais de Gales. A crítica reparou no seu trabalho.

Borques Leal é um rapaz simpático, activo, desembaraçado na vida e nas palavras.

— Nunca tenho tempo. O futebol, aos domingos, é o meu descaço.

«Porque sou árbitro? Por carolice. Se tivesse tempo enfro-nhava-me mais nisto do futebol...»

Borques Leal tem opiniões claras e ideias interessantes.

— Em Portugal olha-se pouco por nós, os árbitros. E é bem necessário que nos organizemos devidamente. Precisamos ter uma sede, onde nos encontremos, trocando impressões, abordando os nossos problemas e os do jogo, tomando contacto uns com os outros. Uma sede autêntica com os nossos bilhares, as nossas salas. A sede dos árbitros portugueses de futebol!

— Ser árbitro é uma prática desportiva ou chega a ser uma profissão?

— Nem sombra disso. Creia que só por carolice temos árbitros de futebol. De uma maneira geral julgam que andamos na bola com um interesse de ganha-pão. Mas temos todos o nosso nível de vida. Repare nisto: um árbitro vai, por exemplo, de Lisboa arbitrar à Covilhã e recebe 100 escudos como prémio de jogo. Há casos curiosos na nossa organização dos árbitros de futebol. Um árbitro quando vai fora de Lisboa dirigir um jogo da Pri-

meira Divisão tem a diária de 70 escudos. O mesmo árbitro, indo à mesma terra, para arbitrar um jogo da Segunda Divisão tem a diária de 65 escudos.

— Que ideia faz da missão do árbitro?

— O árbitro deve e tem de ser uma pessoa de reconhecido e acertado critério, com um nível de vida desafogado — olhe que este pormenor é importante! — e um forte moral de absoluto respeito. Mas o árbitro não deve ser um autoritário, nem andar no campo com cara de pau. Lá pelo



Borques Leal assiste, como juiz de linha, à troca de cumprimentos entre os capitães de Portugal e Irlanda, respectivamente Francisco Ferreira e J. Carey. Felizmente, a vitória desta vez sorriu à equipa portuguesa

facto de ser árbitro não quer dizer que não se ria para os jogadores. A sua conducta e comportamento em jogo serão o suficiente para, se necessário for, impor o respeito. Em tudo e por tudo o árbitro deve usar de equilíbrio e bom senso.

«Por várias vezes tenho lido em referências a árbitros e arbitragens, a designação de árbitros estudiosos. Não me parece bem o termo. As leis do jogo são somente 17 e depois de estudadas e compreendidas está tudo feito. O que há, isso sim, é diferenças de critério, formas diversas de interpretação.

«... O árbitro não viu! O árbitro não assinalou! — pensamos e dizem.

«Mas só com exemplos práticos, ali, no terreno, poderiam ver bem como não se vê muita coisa, pelo menos com certeza absoluta.

«Por isso são imprecedíveis as equipas de arbitragem. E' o

grande sistema. A equipa constituída, exercendo a sua missão de comum acordo e com confiança mutua, chega ao fim dos noventa minutos com a certeza de uma boa e conscienciosa arbitragem.

«Tenho exemplos com os dois sistemas.

Borques Leal continuando falador, exemplifica melhor este seu ponto de vista.

— O off-side é por vezes difícil de ser assinalado.

«Olhe. Veja este exemplo. O árbitro está junto à grande área do grupo que se defende. De repente um dos defesas faz um pontapé longo que pode ir a 60 metros. Não há possibilidade de o árbitro, mesmo em boa corrida, acompanhar a bola. Então são os olhos que têm de observar tanto quanto lhes é possível o desenrolar da rápida jogada. E surge por vezes o off-side! E' em casos como este que o juiz de linha tem a sua função importantíssima.

«Uma vez, num gol, no Porto, sucedeu-me um caso destes. Pois quando olhei para o fiscal de linha para obter dele a confirmação do que a mim me tinha parecido ser off-side, viu-o a conversar distraidamente com um dos polícias que estava junto à linha lateral.

— A sua equipa de arbitragem? — São os meus camaradas Luís Magalhães, Rogério Melo Paiva e Jaime Pires. Magníficos colaboradores!

— O jogador tenta por vezes iludir o árbitro?

— Muitas vezes e com coisas bem feitas, que, aliás, nós não vemos. Têm passado pelos grupos verdadeiros mestres. Reconheço que tenho caído em muitas, embora tenha toda a atenção concentrada no jogo e nos jogadores.

«Quantas vezes, o público, todo o público que assiste a um jogo, se insurge com o árbitro por ver marcar-se uma falta que os seus olhos não viram. E não viram mesmo! E o que foi a falta? A' minha beira um jogador salta a uma bola. Um jogador adversário nas suas costas diz-lhe simplesmente: Deixa. O jogador, é quase certo, julga um companheiro de equipa em melhor posição para o lance, e deixa mesmo...»

«E' uma falta, prevista pelas Leis do jogo. E no entanto o público grita-me: Oh sr. Árbitro, que é que foi isso?...

— Que ideia faz do nosso jogador de futebol?

— De uma maneira geral são bons rapazes. A's vezes excedem-se um pouco. Uma questão de genética a mais e o coração no pé da boca... Não tenho razões de queixa.

Continuamos a conversa com curiosidade.

— A sua opinião sobre a contagem de tempo de jogo. Aqueles



Borques Leal ofereceu-se desinteressadamente para a festa de Peyroteo, compartilhando de um grande momento de emoção e valor desportivo

casos recentes de minuto a mais... minuto a menos...

— Tenho um relógio bom. Custou-me 3 mil escudos e não é de ouro. Quanto a descontos de tempo só os faço em caso de acidente ou por razões que sejam prejudiciais ao andamento do jogo. Nunca desconto bolas fora, que é consequência do próprio jogo. A fazer isso, que tempo levaria um desafio?...

— Se fosse assistente, que pensaria dos árbitros?

Borques Leal sorri... Não sabe talvez bem o que pensaria! Tem andado sempre no terreno do jogo e mantém a opinião de que a melhor qualidade do futebol é serem todos, jogadores, árbitros e público, amigos. Mas diz-nos:

— Sou calmo a ver futebol. Não tenho paixões. Não ouço nada e não sou espaz de me desorientar. Nunca tal me sucedeu.

— Quando é que os jogos são difíceis ou fáceis de arbitrar?

— Quando o nível das equipas é aproximado. Do nível de valores é que depende o bom jogo.

Fizemos uma pergunta que é desagradável espectativa para Borques Leal.

(Continua na página 7)

Ano VII — II Série — N.º 864
Lisboa, 25 de Novembro de 1949

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A festa de homenagem a

OLIVÉRIO SERPA



OLIVÉRIO SERPA ostenta a condecoração de cavaleiro da Ordem de Cristo

NA história do hóquei em patins ficará para sempre assinalado o dia 19 de Novembro de 1949. Foi nesta data que abandonou a actividade o maior jogador: Olivério Serpa. E foi, também, o dia in-oidável da suprema consagração da modalidade — porquanto o desportista, valoríssimo, viu enaltecida, num espectáculo público que difficilmente esquecerá, a sua acção através de mais de 25 anos de permanente labor em prol do hóquei patinado. Mas Olivério Serpa mereceu realmente aqui a homenagem. Tanto assim que o Chefe do Estado o distinguiu particularmente, Olivério Serpa, glória do hóquei em patins e desportista de carácter, foi galardoado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo! Isto representa um tributo ao desporto — porque é o desporto que deve estar agradecido pela circunstância de ter tido como seu praticante um homem da qualidade de Olivério.

Teve um alto significado (seria preciso mais?! a festa de sábado no Pavilhão dos Desportos; tudo correu bem — e, para culminar, se tanto não bastasse, a presença de um representante do Governo ao acto solene, constituiu, com efeito, o mais importante acontecimento. Mas Olivério esteve ainda rodeado de companheiros de luta e adversários de pugna sem conta, de gente amiga, enfim, de quantos se interessam pelo movimento hockeístico. Foi, na realidade, um espectáculo magnífico — o festival que a F. P. Patinagem promoveu, em honra do seu maior atleta, capitão da Equipa Nacional, campeão do Mundo e da Europa.

Já tudo se disse acerca do inolvidável acontecimento. R gistem-se, porém, os resultados dos jogos (Benfica Sporting Oeiras, 2-2; H. C. Sintra-Paço de Arcos, 4-2; e Futebol Benfica Gernon H. C. 5-2) e a presença amável da campeã do Mundo de patinagem artística — Franca Rio — que empolgou a multidão com a beleza dos seus bailados.

Colaboraram ainda no festival as patinadoras Leda Pelli, companheira de Franca Rio, Mária Antónia de Vasconcelos, Edite Cruz e Maria Elvira de Sousa Braga; e, também, representações de quase todos os clubes do País, praticantes de hóquei, nomeadamente do Porto, Espinho, Paço de Rei, Setúbal e Caldas da Rainha.



As equipas do Gernon e do Futebol Benfica antes da partida que terminou com a vitória dos portugueses por 5-3



OLIVÉRIO SERPA, junto das prendas que lhe foram oferecidas no festival de despedida e homenagem



Em suma: — a homenagem a Olivério Serpa, constituiu, sem dúvida alguma, um tributo ao desporto! E o desporto, na generalidade, deve-lhe estar grato — por ter contado nas suas fileiras um atleta como ele, praticante disciplinado e correcto, leal, cavalheiro, bom camarada e melhor adversário. Neste aspecto, os árbitros de Portugal, reconhecendo-o, tiveram também a sua palavra autorizada. E, que nos recorde, o acaso não tem semelhança. Por tudo, pois, Olivério Serpa mereceu — e muitíssimo bem — a homenagem que lhe promoveram.

Major Gomes Marques

Faleceu na segunda-feira passada, e o seu enterro foi uma enorme manifestação de dor, o sr. major Gomes Marques, antigo comandante do Batalhão dos Sapadores Bombeiros, e que actualmente exercia vários cargos, entre os quais de presidente da Junta de Emigração.

O major Gomes Marques, que era um espírito cintilante, de carácter e inteligência, exercia também o cargo de director da Federação Portuguesa de Futebol, desempenhando as suas funções com nobreza e pura isenção. O futebol perde um servidor.



De cima para baixo: Franca Rio e Leda Pelli, duas «extraor dinárias patinadoras, no bailado da «Serenata do Arlequim» — O capitão Santos Romão impõe a medalha de mérito da Federação Portuguesa de Patinagem ao grande atleta e campeão do Mundo

A MORTE DE JOSÉ SOARES

administrador da «Stadium»
foi muito sentida

Morreu um homem! José Soares, administrador da nossa Revista, que ele adorava e de que fazia a parte grande da sua Vida, desapareceu para todo o sempre, e repentinamente, vítima de uma operação difícil a que o seu organismo não pôde resistir.

Se há homens que deixam um rasto de actividade intensa, este é um deles. Nunca a sua fé diminuiu, a sua vontade enfraqueceu e o seu ânimo se perturbava. Toda a organização administrativa recaía nele, e todos os problemas eram resolvidos com tal solicitude e bom senso, que nem os proprietários da Revista os conheciam, ante a confiança que depositavam.

José Soares, contabilista de grande mérito e técnico comercial, era um profundo conhecedor da matéria da sua especialidade, simplificando tudo com inexcedível e modular organização. A «Stadium» ficava-lhe devendo quase inteiramente a expansão e o conceito em que é tida. Entregava-se, mesmo, à Revista com uma paixão infinita, pondo de lado, por vezes, o seu interesse material.

Vivemos com ele, dia-a-dia, agradáveis horas da nossa Vida no que diz respeito a agitação e f-i-r-p-l-y. Era um espírito agudo de sensibilidade, com extraordinária visão — que tencia pelo trabalho. Se fosse necessário trabalhar uma noite inteira, apesar de roído pelas dores, tínhamo-lo ao nosso lado, confiante e rijo, como se fora a pessoa mais saudável deste Mundo.

Nos últimos tempos, a doença minava-lhe lentamente o corpo e o espírito, fazendo-lhe passar horas de dor infinita, que, ele, aliás, escondia cuidadosamente, para não perturbar a tarefa administrativa da «Stadium».

De sorte que a amargura que todos sentimos foi imensa! Ainda estebe conosco na terça-feira da semana passada, mas no outro dia a operação laboriosa e difícil de cerca de quatro horas deixou-o prostrado. Transfusões de sangue e de soro e outras coisas mais, não conseguiram salvá-lo. A sua complexão, aliás, robusta, pelo menos, para o trabalho, não era suficientemente forte para resistir.

Aparentemente, José Soares era um homem duro, de pouco sorrir, e de carácter implacável. Mas quem o conhecesse na intimidade verificava que isso tudo era à superfície. No fundo era uma pessoa bondosíssima, de involgar sensibilidade, que padecia com a dor alheia, e que dava o que não tinha, sem arfício nem constrangimentos. Com ele convivemos durante vários anos, e nunca a sombra de uma dúvida em nós se interpôs. Confidávamos no homem e

ele morreu, e a «Stadium» perdeu o seu melhor amigo. Mas o seu espírito continuará a viver nesta casa. — T. S.

Desde que o corpo do nosso querido amigo foi depositado na igreja dos Mártires, não mais cessou o desfile de pessoas que ali iam apresentar pesames, confirmando mais e melhor as altas qualidades e virtudes do nosso companheiro de trabalho.

Entre tantos anotámos a presença dos representantes da Neogravura, Limitada, Tipografia Silva, Ltd., C. de Oliveiras, Ltd., «A Iluminante», Fotogravura Arméis e Moreno, Empresa de Saos de P. pel, A triográfica, Comissão Administrativa do Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite, e os seus empregados, Fábrica de malhas «Realece», e dos srs. major Manuel Monteiro, chefe de gabinete do sr. Ministro do Interior, general Casimiro Teles, coronel Garcia Gomes, capitão Romão, dr. Paulino Gomes Júnior, engenheiro Regalo Correia, Xico Oliveira, José de Sá Pílão, Fernando Santa Maria, José Domingos dos Santos, Alvaro de Oliveira, Ad. lino Simões Pires, D. Ernestina Bandeira de Lima Trigo e Eduardo José de Azevedo Trigo, Francisco Augusto Galvão Campos, Mário Fernando de Oliveira, Luis Henriques da Cunha, Manuel Alves Morgado, João Silva, António L. da Cunha, dr. Fernando Correia Santos, Artur Rodrigues de Carvalho, Nuno Chaves de Almeida, Ricardo Manuel de Passos, Francisco de Assis Lopez Moreno, Joaquim Nunes Bernardo, Alfredo Luso Soares, D. Maria Tereza Bruno Machado Montalvão dos Santos e Silva e capitão João António Montalvão dos Santos e Silva, engenheiro José C. V. Pacheco do Canto e Castro, tenente-coron. I António Manuel Bruno Machado, José Tomás Júnior, João Meira, professor José Inácio Pinto Rodrigues, Amadeu José de Freitas, D. I. ene Aiaz Villas de Carvalho, António de Oliveira, Afonso da Costa Faro, Júlio Gonçalves de Jesus, D. Maria da Boa Hora dos Santos Romão e Joaquim Pedro Romão, Ricardo Augusto Moreira de Sá e Sousa, Alexandre Neves Cardoso, Alberto Sousa, Humberto do Canto e Castro Albuquerque, Francisco da Fonseca, D. Maria do Nascimento Correia Mouta e Manuel Mantua, Armando Martins dos Santos, D. Isabel Silvino da Fonseca e Francisco Esteves da Fonseca, dr. Manuel Paulino Gomes Júnior, João da Costa Alegre, Fausto Pistacchini, D. Maria de Lourdes Morgado, Francisco Camões, Fernando Correia Campos, João Villas, João Luis de Almeida, D. Amélia Costacheira,



D. Maria Tereza C. de Almeida, S. bastião Teles e esposa D. Maria de Barros Teixeira, Wenceslau Teles, Joaquim Pedro Romão, Denis Sílgado, Jacinto Baptista Simões, Martins, Seriano, Ltd., José Maria da Costa Marques, Armando R. Cerqueira da Silva Pais, Américo Chaves de Almeida e esposa e Armando dos Santos Rodrigues. O sr. dr. Guilhermino de Matos, director da nossa Revista, acompanhou desveladamente o corpo de José Soares até à última morada.

Os que fazem a «Stadium» estiveram todos, rodeando o nosso chefe de Redacção, dr. Tavares da Silva, surpresos pela dolorosa realidade, sentindo comovidamente a perda de um diligente e de um amigo, companheiro dedicado de todas as horas, na nossa labuta entusiástica.

À medida que se aproximava a saída do funeral mais engrossava o número de pessoas, tornando mais forte e mais impressionante, esse momento derradeiro em que se inicia o caminho eterno.

Cerca das 15 e 30 o reverendo Machado Leal, pároco da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, fez a encumendação do corpo e pouco depois o cortejo fúnebre encaminha-se para o cemitério do Lumiar, onde numa das campas deixámos os restos mortais do nosso querido amigo. José Soares encandera-se na terra — injustamente vencido. Via-se um montão de flores, entre as quais uma formosa cor-de-rosa oferecida pelo pessoal de «A Iluminante» e um lindo ramo com uma sentida dedicatória dos que trabalham na «Stadium».

O extinto deixa viúva a sr.^a D. Aurora Trigo Soares e era pai das sr.^{as} D. Maria de Lourdes Soares da Silva, ausente em Macau com seu marido, sr. dr. Batalha da Silva, e D. Maria Helena Soares Machado, e dos srs. dr. José Rodrigues Soares, António Trigo Soares e dr. Fernando Rodrigues Soares, a quem apresentamos sentidas condolências.

A jornada de domingo das três modalidades não dá motivo a largos comentários, nem teve acontecimento de vulto que merecesse nota importante na sequência dos torneos em curso.

Os encontros do Torneio de Abertura de andebol proporcionaram, aos grupos mais cotados, vitórias expressivas e que nos indicam a probabilidade de uma final entre o Sporting e o Belenenses, o que não constituiria novidade.

No domingo passado, os clubes derrotaram o Estrela da Amadora por 12-1; o Benfica venceu o Alameda por 10-2 e o Belenenses bateu «Os Treze» por 9-3.

As equipas vencedoras, com a vantagem de reduzida resistência, poderão brilhar nas suas exhibições, mostrando-se alguns jogadores já em boa forma.

Precisamos de olhar com atenção para o trabalho de preparação dos nossos melhores elementos, na eventualidade de uma campanha internacional, que, possivelmente, nos levará por toda a Europa Ocidental, incluindo a Espanha, que contratou um treinador alemão para dirigir a preparação do seu grupo representativo.

ANDEROL, VOLEIBOL E RUGBI

O voleibol lisboeta tem o seu interesse concentrado no campeonato de juniores, já que a «poule» liquidatória do campeonato da 2.^a Divisão decorre sem entusiasmo, porque desastado tardia.

Os juniores do Sporting, batendo novamente os seus antagonistas, Ateneu e Estudantes do Império, colocaram-se em resalte e figuram como favoritos, tudo parecendo indicar que a vitória final se decidirá entre as duas equipas do clube «verde-branco» há que contar; porém, com o grupo B do Benfica, o qual derrotando o A do mesmo clube, adiciona duas vitórias consecutivas.

Neste campeonato é de lamentar a ausência de muitas colectividades a quem serviria de excelente factor de renovação futura dos seus grupos, tais como o Lisboa Gladios, o Interaccional — antigos campeões —, o Belenenses, o Colégio Militar, o Gladios, o E-toril, etc.

O Torneio de Abertura do rugbi não está correspondendo aos propósitos da Associação organizadora; a disposição regulamentar que obriga a incluir em cada quinze um número determinado de jogadores não fixados à primeira categoria no campeonato precedente, não teve resultados felizes. Porque estes

novos elementos, pouco experientes e ainda mal preparados, semeiam a confusão e impedem o desenvolvimento regular das jogadas.

Os nossos praticantes do rugbi continuam a ter muito que aprender e occorremos sugerir à A. R. L. que promova uma série de palestras, na segunda ou terça-feira, onde os incidentes e erros táticos ou técnicos seriam analisados, para os jogadores das equipas lições aprendidas por individualidades de reconhecida competência, para tal fim especialmente convidadas e que teriam assistido à partida.

Isto não seria um remédio, mas talvez auxiliasse a melhoria do doctos; porque o rugbi, tal como o estamos vendo, é um esporte grave, a precisar de acção, terapêutica enérgica.

Não se considerem estas palavras, como doutrina defetista; pelo contrário, traduzem o firme propósito de reconhecer o mal, que está assalando tão louváveis esforços de reaperçamento, para que estes possam sentir o resultado desejado.

JOSÉ DE EÇA

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castellejo

(Continuação)

Peyroteo repetiu a façanha cometida no Estádio Nacional, marcando os dois tentos portugueses!

A auréola de popularidade, quase de adoração, do avançado-centro português, criada em Portugal, assentou «arrais» no estrangeiro, onde o seu nome passou a emparelhar com os dos mais cotados e conhecidos «astros» mundiais.

Na cidade de Basileia, em 21 de Maio, bateu-se esforçadamente contra a herúlea defesa suíça que, conhecedora do seu valor, o «cobriu» de tal forma que o impossibilitou de aplicar vitoriosamente o seu temível pontapé.

Todavia, o labor despendido, a luta tenaz que travou, mereceram-lhe os mais rasgados louvores.

A turma portuguesa embora batida por 1-0, fez um jogo digno, demonstrando melhor conjunto, maior perfeição técnica e superioridade tão evidente que dominou durante dois terços da partida!

«Internacional» pela nona vez, Fernando Peyroteo, tinha à sua frente um caminho desbravado de obstáculos, que podia percorrer confiadamente.

Ao encerrar a campanha de 1944-45, colecionara, ainda, os galardões de vencedor do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e da «Taça de Portugal»!

Como decorreria a época seguinte?

IX

As épocas sucederam-se e, conseqüentemente, a carreira do avançado-centro português prosseguiu com aqueles altos e baixos de forma que são peculiares aos praticantes desportivos.

Coleccionou vitórias, averbou derrotas,

marcou golos, sofreu cargas, atirou à baliza sem sucesso, despendeu generosamente o seu esforço sempre que compareceu em campo, teve momentos de alegria a par de outros de desânimo, foi vitorioso com delírio e, também, conheceu o travo da manifestação depreciativa.

Estes cambiantes são afinal o recheio da vida desportiva de um atleta que não pode ser — seja ele qual for — sempre bom, ou ao invés, sempre mau.

A juntar aos galões de «internacionais» já conquistados, na temporada de 1945-46 somou mais dois, contra a França e a Irlanda, ambos no Estádio Nacional, em Abril e Junho de 1946, tendo no primeiro marcado um tento e no segundo dois, contribuindo com a sua vivacidade e poder de remate para que a turma portuguesa avertisse duas vitórias. Ele e os seus companheiros foram bem dignos dos elogios que lhes dispensaram. Contra a França, o jogo realizado não deixou «histórias». No primeiro embate com os irlandeses, a valia do resultado conseguido é de assinalar porquanto os visitantes se cotaram como óptimos executantes e globalmente como uma excelente equipa.

A partida derradeira da Taça Portugal desta época foi ganha pelo Sporting e, assim, Fernando mais uma vez, inscreveu o seu nome na lista dos vencedores.

Em 1946-47, o famoso avançado da equipa nacional, foi escolhido cinco vezes para representar Portugal e quando a época findou, no seu historial havia um total de 16 «internacionalizações»!

Aditou, ainda, aos louros obtidos, mais o de campeão de Lisboa e de Portugal, prémio justíssimo ao labor com que actuou na defesa da camisola verde-branca do seu clube.

Contra a equipa parisiense, em 15 de Dezembro de 1946, não se esqueceu de atirar pela certa, uma vez, para não perder o hábito...



No Portugal-França que perdemos 2-4, Peyroteo sofreu um rude golpe em choque com um adversário. Todos julgaram que ele não jogava mais, mas numa bela reacção de vontade, o grande jogador voltou à liça e portou-se com nobre desportivismo



Quando vencemos desta vez, por 3-1, contra a Irlanda, Peyroteo (2) e Araújo (1) marcaram as bolas, e esta gravura os mostra juntamente com o seleccionador desse tempo, o dr. Tavares da Silva, na profunda emoção que dá uma bela vitória

judando assim a construir o resultado favorável à turma lisboeta.

Em 5 de Janeiro do ano seguinte, contra a Suíça, no Estádio Nacional, foi um dos 22 que arrostou contra o «dilúvio». Jamais se poderá esquecer deste prélio, que fica gravado na história do futebol português, como o único travado em condições deste quilate. Para se avaliar do «sacrifício», basta dizer que a bola, cujo peso normal é de 430 gramas, finda a pugna pesava 650 gramas!

Fernando envolve na maior admiração esses aficionados «heroicos» de ambos os sexos, que souberam estar presentes, com elevado espírito de sacrifício e de indómita coragem, animando a «malta» portuguesa, levando-lhe o calor dos seus aplausos, a certeza firme da sua fé e confiança. Bem hajam esses «furiosos»... que nunca faltam... a menos que não consigam bilhetes...

E surgia em 26 desse mês, o inesquecível encontro com a Espanha, o XIX da série entre as duas nações irmãs, aquele que ficou gravado a letras de ouro nos anais do nosso futebol, pela primeira vitória oficial conseguida!

Portugal pelos pés de Araújo e Travaços (2 cada), marcou quatro golos nas redes espanholas confiadas à guarda de Beñon e depois de Lexama, sofrendo apenas um atirado por Iriondo.

Fernando, confessa-o, entrou no campo com a convicção de que ganharia. A equipa iria actuar em condições favoráveis, porquanto estava possuída de uma moral sólida e tinha seguido uma preparação física, tática, técnica e psicológica, como ainda se não verificara.

O jogo foi ganho sem dose de sorte, mereceu o valor revelado e provado convenientemente

pelos portugueses cuja carburacao entusiastica e perfeito entendimento originou, a certa altura, a desorientacao dos adversarios.

Tavares da Silva, o seleccionador nacional, preconizara a tatica a seguir e os seus seleccionados não esqueceram as recommendações, que surtiram o efeito desejado.

Peyroteo recorda desvanecido o gesto da-quele illustre tecnico, quando em conversa amena, a sós, com ele, abordou os problemas da equipa—provavelmente para o dispor bem—e lhe revelou qual a tatica que iria implantar, e em especial, quanto à forma de jogo que os dianteiros deviam adoptar.

Assim, ele, Fernando, deveria actuar virilmente, com o esforço generoso de todas as energias—alías como de costume—por forma a que o defensor central contrario exercesse uma vigilância cerrada. Devia jogar sempre com a preocupação de o afastar da zona central do terreno, movimentando-se de forma a que as atenções recassem sobre si, atraindo não só o seu «par» como ainda um ou mais adversarios, com o fito de deixar livres os dois meias pontas, que assim, poderiam fazer golos. Tudo correu como o dr. Tavares da Silva concebera, não porque Fernando se considerasse um jogador excepcional, mas sim, porque de facto, mais do que um adversario o acompanhou, para obstar a que rematasse... à sua maneira. Araújo e Travaços viveram a necessaria liberdade e os tentos apareceram.

Na altura dos 3-1, quando os espanhóis se aperceberam que era necessario «tapar» os interiores portugueses e deixaram Fernando muito menos vigiado, os meias pontas deviam ter mudado a tatica, jogando, então, para o seu avançado-centro.

Não o fizeram, devido ao entusiasmo e ao desejo de marcar de novo, acredita-o, reinclindo em rematar em péssimas condições, estreitamente marcados, sem terreno livre, enquanto ele, esperava, pedia... mas nada. Quanto pode o entusiasmo!

A sua alegria desbordante ainda hoje é recordada com forte emoção, tendo a sombreada, apenas, o não ter podido marcar. Se lhe tivessem dado jogo... Enfim! O que conta é a vitória brilhantissima obtida, numa jornada inolvidável!

Em Paris, aos 27 de Março, a equipa francesa derrotou a nossa, por 1-0.

Aquele remate de Ben Barek sobre a barra, com a baliza à sua mercê...

Dublin, 4 de Maio de 1947.

O segundo prélio com a Irlanda terminou com a vitória lusitana por 2-0, a primeira conseguida no estrangeiro!

Tavares da Silva pode orgulhar-se da boa exhibição da sua turma, que venceu e convenceu pela técnica, tática e saber claramente provados durante os 90 minutos, num perfeito acatamento a instruções dele recebidas.

Um grande jogo! Uma vitória e perdurável recordação!

A visita do clube argentino S. Lourenço de Almagro, deixou profunda impressão no nosso país.

Vencedor indiscutível, no Porto, batendo o campeão norteño por 9-4, confirmou a fama de que vinha precedido, ganhando rotundamente no Estádio Nacional, ao misto B. S. B., por 10-4!

Peyroteo guarda desse encontro recordações indelévels, que se podem resumir desta forma:

A preparação técnica dos sul-americanos era simplesmente fantástica e o seu domínio de bola, assombroso! Todavia a equipa não era tão forte na defesa como no ataque. O catastrófico resultado deveu-se à completa liberdade de acção de que desfrutaram os visitantes, conseguida mercê de desmarcações estupendas, a que os nossos não souberam, por estupefação, apor uma marcação afinçada. Crê que em novo embate o resultado embora desfavorável, sem dúvida, não seria tão desnívelado.

Portugal-Inglaterra foi o último prélio da época e o dia 25 de Maio de 1947, ficou ligado à mais pesada derrota sofrida pela equipa nacional: 10 golos sem resposta.

Desde que jogava, nunca sentiu tanto desgosto, confessou o avançado-centro nacional. Não pelo resultado, que reputa e classifica como um acidente do jogo, mas sim porque houve «coisas» que precederam o prélio e influenciaram de tal forma os componentes da equipa, que supõe, sem exagero, consultados um por um todos responderiam que ao entrar no campo, não estavam moralmente em condições de fazer o jogo como se impunha. Não se tratava de exigências de dinheiro, como então contou, mas sim de pequenos problemas que se podiam ter resolvido e o não foram.

Quanto ao valor da equipa inglesa não o surpreendeu, porque já em 1939, vira no Estádio de Wembley à final da Taça de Inglaterra, pugna a que assistiram 100.000 espectadores, que em unísono entoaram o «God save the King», no momento em que sua Magestade Jorge VI assomou na tribuna real, que distava uma escassa dezena de metros do lugar ocupado pelo vencedor do «Concurso de Lealdade Desportiva».

Uma época que acabou; nova temporada começou: 1947-48.

Entre tantos encontros disputados há que salientar mais dois «internacionais», contra a França em Lisboa, aos 23 de Novembro de 1947 e contra a Irlanda, também no Vale do Jamor, em 20 de Março do ano seguinte.

No primeiro Portugal foi derrotado por 4-2, tendo os portugueses marcados os seus tentos por intermédio de Peyroteo e Araújo. A turma nacional foi capitaneada por Fernando.

Jogo pobre, sem «sala», deixou apenas como lembrança os golos marcados...

No segundo em que Fernando alinhou, mas o terceiro da campanha, mais uma vez os irlandeses foram batidos sem remissão, desta vez por 2-0, tendo o avançado-centro e o seu colega de equipa de clube, Albano, sido os marcadores.

Neste jogo continuou a imperar a tradição, pelos motivos que já a seu tempo, apresentou.

Em 21 de Março, no jogo disputado em Madrid, o XX Portugal-Espanha que findou com a vitória dos donos da casa por 2-0, Fernando viu-se substituído por Júlio Correia da Silva (Julinho).

O seleccionador dr. Virgílio Paula, entendeu haver, pelo menos, seis avançados-centro em condições de bem representar o país. De-

pois de várias experiências, optou pelo benfiquista.

Peyroteo, nessa altura, foi classificado como jogador velho e caçado e daí a necessidade de recorrer a outros, dos «novos», com sangue na guelra.

Afinal o valor de Fernando Peyroteo ainda pesava e a decrepitude vinha longe...

Após o último jogo oficial da temporada, o atleta leonino, arreadava com orgulhosa ufania mais três títulos: vencedor da «Taça Preparação», campeão nacional e vencedor da «Taça de Portugal».

Como componente da equipa nacional fixara o seu recorde em 18 «internacionalizações»!

Em 1948-49, a equipa nacional é chamada a disputar quatro encontros, tendo Peyroteo alinhado apenas nos dois primeiros, fixando assim, em 20, o total das comparsas internacionais durante a sua carreira de jogador famoso!

Pena foi, realmente, que a lesão sofrida num joelho durante o desafio que o seu clube disputou na Covilhã contra os «leões» da serra, o tivessem inibido de comparecer nas pugnas contra o País de Gales e Irlanda. Se tal não houvesse sucedido, colocar-se-ia, finda a sua vida de jogador, à frente dos inesquecíveis Artur de Sousa (Ping), Augusto Silva e Waldemar Mota, ainda hoje os detentores do máximo de «internacionalizações»: 21!

Em 27 de Fevereiro de 1949, em Genova, bateu-se contra a equipa italiana, que já tivera a honra de conquistar o Campeonato do Mundo. O resultado de 4-1 desfavorável aos nossos, deve-se à melhor «classe» dos adversarios e ao fracasso da linha dianteira portuguesa, que não conseguiu «acertar o passo».

O seu último jogo com a camisola das «quinas» a cobrir-lhe o tronco, disputou-o em 20 de Março do ano passado, no XXI Portugal-Espanha travado no Estádio Nacional e que terminou com um empate. O golo português foi marcado por Fernando, que com tal façanha, findou a sua carreira internacional da mesma forma como a iniciara: marcando um tento!

Mais uma vez ganhara o campeonato nacional e a «Taça Preparação»!

Na temporada em curso, o vencedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, no primeiro jogo da «Taça Preparação» estreou-se com alardes de «forma» apurada, marcando os quatro tentos com que os «leões» derrotaram os «azuéis» e, não contente com a «maldade», reincluiu nos jogos seguintes... como já de há muito nos acostumara.

Chegou o dia 5 de Outubro de 1949 e com ele, a despedida de Fernando Baptista de Seixas Peyroteo.

A sua festa foi apoteótica e teve vinculado cunho de sinceridade a mágoa sentida pelo afastamento de tão grande e pundoroso atleta.

A Imprensa e a Rádio, nos dias que a antecederam foram unânimes na exaltação das virtudes cívicas e desportivas de Peyroteo, que abandonou o futebol, em grande «forma».

No capítulo seguinte, o último, já não transmitiremos o que ele nos contou, mas sim, o que entendemos por bem dizer como fecho desta aliciente narrativa.

(Conclue no próximo número)

(Continuação da pág. 3)

O árbitro Borques Leal

— E o campeonato do Mundo?

— A perspectiva é linda! Encantava-me sobremaneira que isso sucedesse. Mas... E a nossa Seleção? Eu e Vieira da Costa no Campeonato do Mundo? Talvez, mas vejo as coisas tão paradas...

Deixamos de falar nos árbitros e nas arbitragens. Viramo-nos para o futebol. Que pensa dele este homem do apito?

— O futebol, essa máquina de fazer golos, tem para os portugueses uma sedução especial. Gera-se-nos uma habilidade natural para o jogo que se liga admiravelmente com o entusiasmo e a

genica que são apanágio dos portugueses. E' da raça e custa a crer que este jogo não tenha sido ideia nova. O jogador português tem possibilidades de ser grande. Pena é que não possamos enveredar por um sistema que permitisse ter o jogador mais em contacto com a bola e com uma preparação continua e adequada.

— Refere-se ao profissionalismo?

— Seria e é o grande sistema. Só assim se distinguirá a perfei-

ção e o conjunto necessário para enfrentarmos, convictos da nossa personalidade, os grupos estrangeiros. Mas reconheço que será impraticável no nosso meio.

«Em minha opinião temos, pelo menos, de formar o grupo nacional de maneira a manter-lo treinado e perfeitamente unido. Sem sombra de dúvida, temos mais e melhores condições para a prática do futebol. Com técnicos abalizados e mais treinos atingiremos a posição necessária.

«Fala-se e aponta-se muito o futebol inglês. E no entanto eles não dispõem das qualidades e da natural habilidade do jogador português.

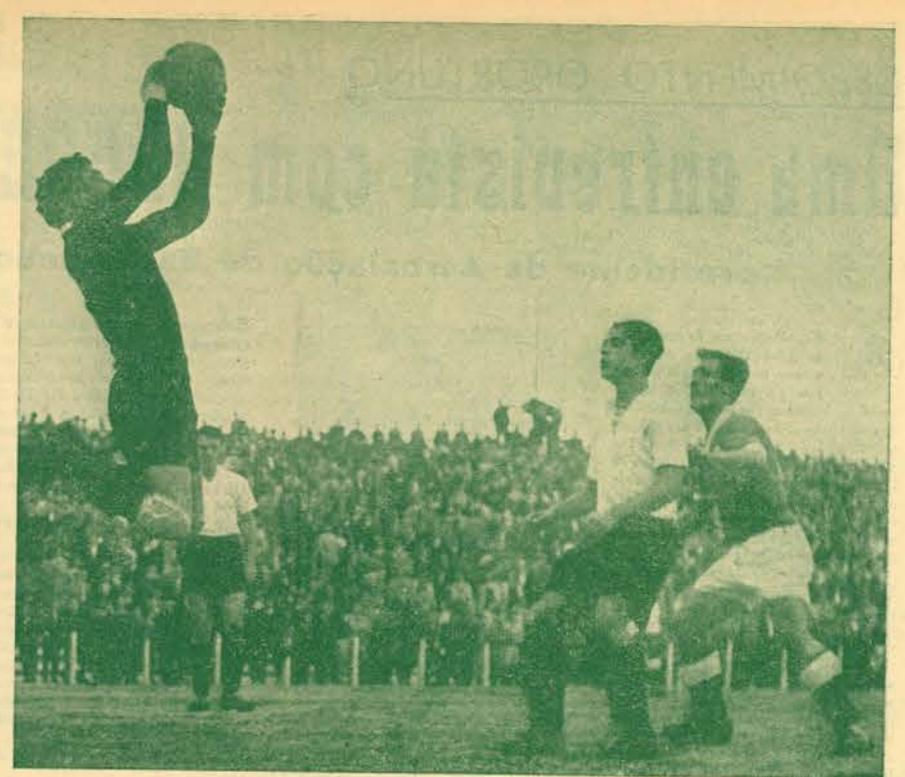
«O futebol português não atingiu o desenvolvimento do atletismo. Neste desporto melhorámos várias marcas, fizemos progressos. No futebol paralizámos.

Ficámos por aqui nesta conversa com o árbitro Borques Leal —meia dúzia de opiniões pronunciadas em tom ameno, respostas breves a umas perguntas talvez indiscretas.

FERNANDO SA

BENFICA, BEBENENSES E ATLETICO

em luta contra GUIMARÃES, LUSITANO e ESTORIL



Da esquerda para a direita — Silva bloea bem uma bola, sob a protecção de Motias. O ataque benfiquense gorou-se desta vez. ♦ Julio atacou vigorosamente, mas o defesa não lhe consentiu a intervenção. Assim, Silva fez a defesa, de forma um pouco confusa. ♦ Silva, que revelou qualidades, segura uma bola alta; enquanto que Garcia e Arsénio assistem, interessados, ao espectáculo



Em cima — Sebastião não conseguiu segurar a bola, e Ben David procura a todo o transe captar a bola. Caninhas acorre ao lance. Ao lado e em cima — Alberto vê em que «param as mãos», assistindo ao pleito que se trava entre Ben David e Gato. Em baixo — Martinho salta por cima de Alberto e remata, estando o guarda-redes em desequilíbrio



De cima para baixo — Duarie esgueira-se por entre dois homens do Lusitano e desenvolve a jogada com pericia; — Isaurindo salta à bola, com certas preocupações... Sidónio e Diógenes atacam. Ao lado — Na marcação de um canto contra o Lusitano, a bola bate na trave, rola um pouco, mas Isaurindo afaasta o perigo...

JORNADA dos 3 primeiros

TENTAREMOS dar o panorama da Primeira Divisão, afirmando que em sete jornadas começam a vir ao de cima os melhores *teams*, aqueles que podemos considerar mais aptos para o triunfo geral somente verificado no último dia, que vem ainda muito longe. É uma surpresa geral o alinhamento da Académica ao lado dos 2 grandes. Verdade seja, a surpresa provém de nem todos verem jogar a Académica, pois, caso contrário, tomariam como coisa normal o que julgam anormalidade.

Mantemos a opinião, e cada vez nos convencemos mais dessa verdade, que a Académica pratica futebol de qualidade, com arte e graciosidade, que não exclue o seu quê de ingénua, mas, por isso mesmo mais belo, podendo resolver um conflito, por mais difícil, na altura em que o grupo engrenar

TAVARES DA SILVA

(Continua na página 12)



Uma entrevista com ALFREDO VIÇOSO

presidente da Associação de Basquetebol de Lisboa

A Associação de Basquetebol de Lisboa esteve recentemente em festa pela passagem de mais um aniversário — o vigésimo segundo. Através desses vinte e dois anos de existência a A. B. L. tem desenvolvido, indiscutivelmente, obra proveitosa e fecunda. O popular desporto da bola ao cesto ganhou fundas raízes, estendeu-se a grande número de colectividades, movimentando quantidade elevada de praticantes.

E vem a propósito recordar que o basquetebol foi lançado no nosso país pelo Triângulo Vermelho Português. Um dos grandes pioneiros da modalidade foi, sem dúvida, Henry Brandt, ao tempo professor de educação física do Triângulo Vermelho, que, além de ter traduzido as primeiras regras que apareceram em português, foi árbitro competentíssimo, tendo, além disso, conseguido interessar e reunir os representantes das colectividades que começavam a interessar-se pelo basquetebol, como o Sporting, o Benfica, «Os Belenenses», o Ateneu Comercial, o Carcavelinhos, o Probidade, a Associação de Educação Física de Torres Vedras, etc.

A onda contagiante do entusiasmo cresceu. Apareceram elementos da cavelra do dr. Lendolf Bravo, de Frederico Porto — ambos já desaparecidos do número dos vivos — de Carvalho Santos, hoje presidente honorário do A. B. L., de Alexandre Martins Correia, a alma do Triângulo Vermelho, e tantos outros. E a 20 de Outubro de 1927 fundava-se a Associação de Basquetebol de Lisboa e elegia-se a primeira direcção, sob a presidência do dr. Lendolf Bravo, que representava o Sport Lisboa e Benfica.

Pouco tempo depois, disputava-se o primeiro campeonato de Lisboa, ganho pelo Sporting Clube de Portugal contra toda a expectativa, pois os votos de favoritismo pendiam para o Triângulo.

Sporting e Triângulo foram colocados por sorteio na mesma série, a que pertenciam ainda o Benfica, «Os Belenenses», o Probidade e o Portugal e Colónias. Da outra faziam parte o Carcavelinhos, o Ateneu, o Desportivo Portugal, o União de Lisboa e o Casa Pia.

A «final» disputou-se entre o Sporting e o Triângulo, no campo da Tapadinha, em recinto armado no terreno de futebol, tendo por frente a bancada central, que se encheu por completo. O Sporting foi, pois, o primeiro clube a inscrever o seu nome na lista dos campeões lisboetas.

Lembrar esses tempos, é recordar, implicitamente, jogadores que o grande público já olvidou. Carlos Pereira, Jaime Pereira, Anibal Nunes, Adalino de Almeida, Jóllo Pereira, Acácio Campos, Alfredo Ramalho, e tantos outros que, no Triângulo Vermelho, ou disseminados pelos restantes clubes, tanto animaram os primeiros campeonatos de Lisboa.



ALFREDO VIÇOSO, presidente da Associação de Basquetebol de Lisboa

Vinte e dois anos depois

... Passaram mais de duas décadas. Já não se fala no Probidade, nem no Portugal e Colónias. Vieram novos clubes e passaram muitos jogadores. Entretanto, criou-se a Federação. Modificou-se a orgânica dos campeonatos. Deu-se a lógica e natural evolução técnica da modalidade. A turma lusitana foi, até, chamada a vários encontros internacionais, disputados intra e extramuros.

Acima de tudo, a modalidade ostenta uma característica: ser das mais praticadas.

Mas, qual será, de facto e em pormenor, a situação do basquetebol lisboeta? Quais os seus problemas? Terá, realmente, nos últimos anos, havido progresso? Quais as principais necessidades e aspirações do popular desporto?

Eis algumas das questões que, há dias, pusemos a Alfredo Viçoso, dedicado presidente da Associação de Basquetebol de Lisboa, durante a entrevista que teve a amabilidade de nos conceder.

Com inteiro conhecimento de causa, o prestigioso dirigente foi satisfazendo a curiosidade do jornalista. E através da nossa conversa perpassou, nas suas linhas gerais, o panorama do basquetebol lisboeta.

90 equipas — 750 jogadores

Começamos por pedir a Alfredo Viçoso uma visão de conjunto do campeonato lisboeta do basquetebol — o 25.º da série — presentemente em disputa.

O nosso amável entrevistado abriu a pasta respectiva e ilucidou-nos prontamente:

— O torneio regional da A. B. L. está dividido em quatro divisões, cada qual com oito clubes. Na divisão principal — a chamada Divisão de

Honra — os clubes apresentam três categorias e, obrigatoriamente, um grupo de júniores. Os clubes que disputam a I Divisão apresentam três categorias. Os da II e III Divisões, duas. Como algumas colectividades pertencentes à I Divisão também concorrem ao torneio de júniores, podemos computar, à vontade, em noventa, o número de grupos em luta.

E pormenorizando o seu pensamento:

— Avaliando pelo mínimo, a cada equipa correspondem, pelo menos, oito elementos. Podemos, pois, afirmar que o campeonato regional movimenta cerca de setecentos e cinquenta jogadores, número bem expressivo, sem dúvida alguma. E que demonstra de forma suficientemente clara, uma das principais características da modalidade — a sua extraordinária difusão.

— Quanto ao campeonato de júniores...

— Foi um dos nossos «cavalos de batalha». Considero a sua efectivação um verdadeiro triunfo para a modalidade, pelo que representa com vista ao futuro e como base indispensável para a tão necessária renovação de valores.

Não se tem progredido...

Mudamos de assunto. Damos novo rumo à entrevista e colocámos nova pergunta:

— Em seu entender, tem o basquetebol acusado progressos?

Alfredo Viçoso que pode bem considerar-se um dos pioneiros da modalidade, pois a acompanha de perto há vinte anos, diz-nos com desassombro:

— Não. Infelizmente, por causas diversas, o basquetebol não tem progredido. Apesar de largamente difundida, com torneios e campeonatos absolutamente regulares, a bela modalidade da bola ao cesto não acusa progressos. Quando muito, estacionou.

— E quais os motivos dessa ausência de progresso?

— Principalmente quatro, que passo a enumerar: falta de um recinto apropriado para reuniões nocturnas; falta de treinadores competentes; ausência de torneios para «infantis» e júniores e de árbitros à altura da sua missão em número suficiente.

O presidente da A. B. L. fez uma pausa. E como o convidássemos a pormenorizar o seu ponto de vista, acrescentou:

— Bem vê, não é ao frio e à chuva, em pleno inverno, jogando sobre lama, que o nível técnico do nosso basquete pode progredir. Há imperiosa necessidade, pois, de utilizar o Pavilhão dos Desportos em condições razoáveis, ou de conseguir qualquer outro recinto coberto. Por outro lado, a falta de bons treinadores é evidente. Quanto a mim, seria da maior utilidade a vinda de um bom técnico estrangeiro para dirigir um

curso de treinadores, como ainda recentemente se fez em Espanha.

— E no que toca aos dois outros problemas?

— São igualmente importantíssimos. O problema dos «infantis», principalmente, é de uma urgência extraordinária. Há que resolvê-lo sem delongas, para que amanhã a modalidade não sofra rude golpes... O quarto motivo que lhe aponte — o dos árbitros — é igualmente importante, dado que muitos juizes de campo, talvez os melhores, têm-se afastado, quase não havendo possibilidade de renovação de quadros. Vai, no entanto, ser nomeada uma nova Comissão Central, presidida por Costa Pinheiro — uma competência e uma dedicação — muito havendo, realmente, a esperar da sua acção e do seu esforço em prol da causa da arbitragem.

— O basquete tem, hoje, mais ou menos público?

— Apesar de tudo, o público tem correspondido sempre. Nas jornadas do campeonato agora em curso, tem, mesmo, sido mais numeroso do que na época transacta.

Fala-se de projectos...

E de novo mudamos de assunto, agora para perguntar quais os projectos da Associação de Basquetebol.

Com solicitude, o nosso entrevistado esclarece-nos:

— Um dos pensamentos da direcção a que presido, é o de constituir e manter, com carácter de regularidade, uma selecção lisboeta — pois uma selecção que o seja de facto, não se improvisa — a fim de efectuarmos vários encontros inter-cidades. Para o cargo de seleccionador convidámos José Dias Pereira que, até ao momento em que lhe falei, ainda não deu uma resposta definitiva. Mas todos esperamos sinceramente que José Dias Pereira, com larga folha de serviços prestados ao basquete, não lhe negará mais este sacrifício.

... e na vinda de uma equipa de Madrid ou de Barcelona

— E é tudo quanto a projectos?

— Não, não é tudo. Se as condições financeiras da A. B. L. o permittem — e tudo depende do das receitas do presente campeonato de Lisboa — entabularemos negociações com uma selecção espanhola, certamente com a de Madrid ou com a de Barcelona, uma vez que não vimos coroados de êxito a deligância que tentamos para a vinda de uma equipa belga.

Assim nos falou Alfredo Viçoso, uma dedicação pelo basquetebol desde há bons vinte anos, dirigente do ex-União e do Atlético, antigo árbitro, a actual presidente da Associação de Basquetebol de Lisboa.

ABREU TORRES

O problema do ciclismo

O ciclismo, cuja federação dirigente vai festejar dentro em pouco as suas bodas de ouro, é a modalidade desportiva de mais antiga organização oficial no país.

No entanto, quem tenha seguido atentamente os acontecimentos da época e, em particular, a mais importante competição do programa e os campeonatos mais recentes, não poderá deixar de reconhecer que a veteranaria não bastou para que o ciclismo tenha alcançado plena maturação na regularidade técnica das suas manifestações atléticas.

Os dirigentes responsáveis devem ter recolhido durante esta temporada que agora finda, a primeira depois da promulgação dos prolixos e complicados novos regulamentos federativos, abundantes ensinamentos que podem agora, na paz dos meses do desfo, corrigirem os defeitos, concretizarem o disperso, ajustarem os pontos de atrito e fixarem doutrina onde a não haja ou exista inconcistente.

A Federação deve procurar resolver, por exemplo, o programa das corridas reservadas aos clubes e corredores chamados populares, que este ano pulularam por todo o país, fora da indispensável fiscalização e cujo empenhamento em semelhantes condições contraindicadas é, praticamente impossível e que, devidamente regulamentados, serão o mais valioso elemento da propaganda e expansão do ciclismo desportivo.

Os seleções e tantos artigos do regulamento actual devem ser peneirados para retirar o farelo; embora em grande parte correspondam ao código internacional, é necessária a adaptação de algumas disposições aos recursos e às circunstâncias do meio.

Para resolver, também, a questão da participação de corredores estrangeiros nas corridas clubistas, que nos parece de condenar quando de carácter eventual, reservada apenas a determinada prova.

Têm muito com que se entreter durante os meses de descanso, os dirigentes do ciclismo português.

ANDEBOL

TÉCNICA E TÁCTICA

Como se joga e como se treina

O andebol é incontestavelmente uma excelente modalidade desportiva que, entre nós, não seguiu o ritmo progressivo que os seus primeiros debates faziam prever.

No entanto, se a expansão paralizou, a sua actividade tem-se mantido em bom plano e, mercê dos esforços da Federação e das Associações Regionais, o andebol exhibe já uma interessante folha de confrontos internacionais, com larga margem favorável.

Os apontamentos que vamos publicar, sobre a técnica individual e a táctica de jogo, pretendem apenas valer como tributo para a divulgação e aprendizagem do andebol; pouco têm de original, pois servimo-nos para os elaborar da série de artigos publicados no boletim da Federação Francesa pelo monitor do L. N. S. e jogador J. El Fleury e, ainda, d'notas inseridas na «Revue d'Education Physique» pelo professor belga Piedboeuf, sobre a matéria do curso a que assistiu em Joinville.

Qualquer jogador de andebol, por mais hábil que seja, por muito que se integre nos preceitos tácticos da sua equipa, não poderá nunca alcançar o máximo rendimento se não possuir apurada técnica pessoal, cultivada por treino insistente e especializado.

O manejo da bola é o primeiro pormenor a aprender, levando em consideração quatro acções diferentes: a recepção, o driblar, o passe e o remate.

A RECEPÇÃO da bola é feita sempre com as duas mãos; é este o único processo que oferece garantia suficiente para ser adoptado como geral. A recepção da bola com uma só mão é fantasia arriscada e sem nenhuma vantagem.

É evidente que a recepção simultânea com as duas mãos nem sempre é possível; em casos particulares, uma das mãos adianta-se à outra no acolhimento da bola, mas sempre a segunda deve ir completar a segurança da recepção, fixando-lhe o domínio depois da intervenção amortecedora da primeira.

O jogador que espera pela bola não deve, de facto, esperar por ela, no sentido exacto do verbo; é sempre vantajoso ir ao encontro da bola, antecipar tanto quanto possível a recepção, pois a todo o momento pode surgir inesperadamente um adversário que intercepse a jogada.

O deslocamento ao encontro da bola é função, na velocidade e direcção, da trajectória da bola; nunca, porém, correndo com os braços já levantados ou estendidos para a frente. A corrida para a recepção da bola faz-se

como qualquer corrida normal, com o balanceamento clássico dos braços, que só no último momento são lançados na direcção precisa: para cima, para a frente ou para o lado.

Nunca se deve esperar pela bola com os dedos rígidos ou as mãos estendidas; as mãos devem formar uma espécie de receptáculo onde a bola se vem aninhar: palmas concavas, dedos abertos e em relaxamento.

Se a bola vem alta, acima do peito, os dedos esperam-na virados para cima e para dentro (polegares em contacto); se a bola vem baixa, as mãos colocam-se com os dedos para baixo, os dedos mínimos encostados.

Evita-se sempre a rigidez na recepção, que pode provocar o ressalto da bola; a calma e o relaxamento muscular são factores de segurança indispensáveis.

Apanhar a bola do solo é outro pormenor que deve ser repetidamente exercitado em treinos. Supondo, como é comum, que é a mão direita que vai colher a bola, a corrida deve ser graduada de maneira que, na última passada o pé direito venha assentar atrás e perto da bola; o corpo flecte adiante, sem rotação para qualquer lado e o pé esquerdo, completamente a passada seguinte, vem apoiar-se ao lado da bola, que fica colocada no meio da abertura do colosso. A mão direita, agindo como uma colher, levanta a bola do solo, sendo imediatamente auxiliada pela esquerda que prende a bola por cima.

Para executar esta manobra sem perda de velocidade são necessários um treino muscular e uma agilidade, impossíveis de adquirir sem cuidadosa cultura física adequada.

O mesmo que dissemos em referência ao relaxamento das articulações dos dedos e do punho, no momento de espera e recepção da bola, se aplica para as articulações dos cotovelos e ombros, que devem contribuir, no momento do choque, para o amortecimento, por uma ligeira flexão de recuo.

Para concluir esta série de conselhos e indicações, falta dizer que o jogador deve sempre proteger com o próprio corpo a bola porque espera, do adversário mais próximo. Subordinando-se a esta regra tomará no campo a posição mais conveniente.

Exercícios preparatórios:

a) — em linha, corrida na direcção do treinador, executando ao comando, mudanças de sentido, para o lado, para trás ou oblíquas.

b) — em círculo; o treinador coloca-se no centro e atrai a bola a diversas alturas.

c) — em coluna, com intervalos de cinco metros, em movimento cuja rapidez aumenta com a sequência do treino (marcha ao princípio, corrida depois), receber a bola lançada pelo treinador a

A DESPEDIDA de A. MENDES SILVA

ESTAVAMOS bem longe de supor, quando João da Silva Marques se afastou das lides desportivas, a 4 de Setembro de 1918, realizado a primeira festa de despedida de um nadador português que, cerca de catorze meses volvidos, estivéssemos em presença da retirada oficial de outro especialista de «brucos», caso curioso, precisamente aquele que podemos considerar como o sucessor de Silva Marques, não nas tabelas de recordes, é certo, mas, pelo menos, na lista dos campeões nacionais.

Artur Mendes Silva começou a sua carreira desportiva no Sport



Algés e Dafundo — juntamente com seu irmão Júlio, também nadador de excelente categoria — e representa, desde 1914, o Grupo Desportivo Estoril Praia. Foi, pode dizer-se, um nadador eclético, brilhando em todos os estilos e em várias distâncias. E' um dos nossos «nadadores-completos» — e o título quadruplicado.

Todavia, foi como nadador de «brucos» que Artur Mendes Silva alcançou as suas melhores classificações e atingiu — honra suprema — a categoria de Internacional.

E recordemos, a propósito, que no II encontro Portugal-Espanha, realizado na piscina de Montjuich, em Barcelona, nos dias 21 e 22 de Agosto de 1915, Artur Mendes Silva foi o brilhante vencedor da prova clássica de 200 metros-brucos, com a marca de 3 m. 3,2 s. E de então para cá, ou seja até 1918, Mendes Silva participou em todos os encontros com o país vizinho, obtendo as seguintes classificações:

No terceiro, disputado em Lisboa, a 15 e 17 de Setembro de 1913, foi terceiro, com 3 m. 5,4 s., batido por Morat e Guerra. No quarto Portugal-Espanha, em Tenerife, a 6 e 7 de Outubro de 1916, não pôde fugir ao último lugar, obtendo o tempo de 3 m. 6,1 s., batido por Guerra, Burrell e Silva Marques. No ano seguinte, em Lisboa, a 30 e 31 de Agosto, no decurso do quinto encontro entre as duas nações peninsulares, Artur Mendes Silva alcançou um honroso segundo lugar, com a marca de 3 m. 3,2 s., batido apenas por Manuel Guerra, o forte nadador espanhol que se creditou de 2 m. 28,5 s. E por último, em Palma de Maiorca, no sexto «match» peninsular, não pôde Artur Mendes Silva fugir ao último posto, em luta com Blanco, Abella e Silva Marques.

Campeão nacional de 200 metros-brucos de 1915 a 1918 — quatro títulos mercedemente conquistados — Artur Mendes Silva detém, ainda, o recorde nacional absoluto dos 400 metros-brucos, com 6 m. 24 s., marca alcançada em 8-10-16, em Tenerife.

alturas diferentes, entregando-lha ao passar a seu lado, para que possa ser lançada ao jogador seguinte. O treinador coloca-se primeiro em frente da coluna, depois em posição oblíqua lateral anterior ou posterior.

(Continua)

SALAZAR CARREIRA

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

Segunda Divisão

Com meio caminho andado em busca de classificação que abra novos caminhos, o Campeonato oferece aspectos interessantíssimos.

Assim, vemos isolados, com embalagem esplêndida e moral fortíssimo, as equipas bem afinadas e valorosas do Vila Real, do Académico de Viseu, do Oriental, do União de Montemor, e do Portimonense.

O Vila Real tem tido comportamento que merece largos e sinceros aplausos.

Equipa que em vários anos tem andado perto do passo final, e que por esta e por aquela razão nunca o conseguiu dar, está agora com magnífica disposição para obter a consagração que merece.

Vila Real, população e jogadores estão todos unidos. E nestas coisas, quando há cooperação é meio caminho andado!

Académico de Viseu é dos mais progressivos clubes da II Divisão. Clube acarinhado, e feito com amizade e sacrifícios, merece de facto a máxima posição que ocupa na Tabela.

O apuramento para a segunda época é quase certo. Seguirá depois a equipa com o mesmo andamento? Tem fôlego suficiente? São interrogações a que só o futuro responde.

Oriental é clube feito e com pergaminhos e com obrigações de fazer brilhante figura. E temos a certeza de que a fará.

União de Montemor é quase uma surpresa. Esperamos por futuras provas.

Portimonense anda de brço dado com o Oriental. As palavras que dissemos a propósito do grupo de Marvila, são aplicadas ao forte concorrente algarvio.

São estas as considerações mais largas que a marcha do grande Campeonato sugere.

E agora vejamos os resultados por alto.

Famalicão consente um empate em casa, que surpreende. Que se passará? Desmoralização, descrença ou mais no do que um simples resultado?

Vianense, em ambiente adverso alcança um belo resultado. A classificação nesta série começa a estar confusa.

O Académico sucumbiu estrondosamente frente à equipa de João da Cruz. Este grupo de Espinho alterna os bons com os maus resultados. Isto faz saltar a ideia de que ainda não é steama completamente formado. Tem ali-cerces e qualidades, porém. O tempo lhe dará o resto.

Boavista, continua incompreensivelmente, a perder pontos. É tempo de reagir. Ainda é possível G. M. energia, calma e confiança, a coisa irá...

O Tirsense averbou excelente marca. O grupo tem uma base definida, e a experiência de alguns elementos equilibra a juventude de outros.

O Castelo Branco, com um belo resultado na jornada anterior, não sabe ou não pode fugir à derrota. Claro, que isto não quer dizer nada... A roda, continuará a andar!

O União segue e soma. Ainda sem derrotas, e só com três tentos

sofridos, goza um dos melhores egual-averages da prova. E' equipada com grandes e naturais possibilidades.

O Alcanenense, com o concurso do internacional Gaspar Pinto, já há três domingos que não sabe o que é perder... Agora, já é tarde para recuperar. Mas os números ficam para a história.

O Casa Pia, pouco a pouco, vai subindo. Derrotar o Alhandra na própria casa não é proeza ao alcance de qualquer. E o Casa Pia conseguiu o. Os «gansos» estão cheios de moral. O novo campo deu-lhes uma alma nova. E continuarão!!!

Na série da confusão, o Cova da Piedade, enfim, voltou ao caminho do triunfo, batendo um dos mais sérios candidatos ao título. Diz a crítica que a nova formação apresentada é susceptível de levar a equipa ao lugar que merece.

O União de Montemor segue invicto e distanciado, enquanto lá «para baixo» aumenta a confusão.

O Desportivo de Beja marcou passo mas não perdeu o 2.º posto.

O Portimonense lá segue de vento em popa. Outro resultado volumoso que marca bem a sua categoria.

Teria chegado este ano, a sua hora?

A. J. DE FREITAS

Seguem-se os resultados:

ZONA A

Série I

Famalicão 2	— Sporting de Fafe	2
Vila Real 2	— D. Chaves	2
Monção 3	— Gil Vicente	2
F. C. Fafe 1	— Vianense	2

Série II

Sanjoanense 3	— Leça 0
Sp. Espinho 3	— Académico 2
Beira-Mar 3	— Oliveirense 0
Tirsense 6	— D. Aves 0
Leixões 2	— Boavista 1

ZONA B

Série III

Guarda 10	— L. Vildemoinhos	1
Gouveães 2	— S. L. Viseu 3
Covilhã 2	— Castelo Branco 0
Acad. de Viseu 6	— Sp. Lamego 2

Série IV

Alcanenense 3	— Conimbricense 1
G. Alcobaça 2	— Rossionense 1
Ferrovários 0	— U. Coimbra 1
Naval 3	— Marilvas 3
Leões 3	— Torreense 0

ZONA C

Série V

Operário 4	— S. L. Olivais 4
Futebol Benfica 0	— Palmense 1
Oriental 2	— Arroios 1
Alhandra 1	— Casa Pia 3

Série VI

Cova da Piedade 2	— Cuf do Barreiro 0
Giandá do Sul 3	— Luso do Barreiro 2
Seixal 2	— S. Lourenço 2
Barcelense 1	— Montijo 0

ZONA D

Série VII

Portalegrense 1	— Juventude 0
Elétrico 2	— Estrela (Portal) 0
Campomaiorense 4	— Estrela de V. N. 1
Lusitano (Évora) 3	— União Sport 6

Série VIII

S. L. e Faro 1	— Boa Esperança 5
Aljubarrosense 4	— Sp. Farense 1
F. C. Silves 1	— D. de Beja 1
Portimonense 6	— Atlético de Moura 0

Jornada dos 3 primeiros

(Continuação da pág. 9)

com perfeição. Está longe de nós a ideia — vemos o futebol com frieza — que a Académica seja o *team* que melhor joga, mas é evidente que se trata de um valor que pesa na balança da Prova, e desconhece-lo é impossível.

O seu alinhamento ao lado do Sporting e Benfica representa já qualquer coisa. No entanto, os dois clubes lisboetas são os mais apetrechados para o título. Têm tudo a seu favor, a começar por uma preparação intensa e talvez mais cuidada e a acabar no ensino técnico, não esquecendo o que representa a tradição e uma melhor experiência.

Estes grupos deslocam-se à Província, e, sofrendo do natural ambiente e do facto de todos quererem fazer figura na sua frente, conseguem ainda dominar as coisas embora perdendo, umas vezes por outras. Mas isso, para o conjunto não faz ao caso.

Dos resultados obtidos destacam-se singularmente aquele que o Olhanense conseguiu, que depõe mal a favor do Futebol Clube do Porto, clube que não atravessa, quanto a nós, crise de jogadorer, mas sim de conjunto. A vitória do Belenense, e mesmo do Sporting da Covilhã, estavam no mundo das previsões, certas e desapaixonadas.

Há equipas que sobem e outras que descem. No número das primeiras estão o Sporting de Braga e o Elvas, que melhoram a olhos vistos.

A classificação está feita por grupos. O primeiro com três concorrentes a 11 pontos, o segundo com cinco clubes a 7, o terceiro com três a 6 pontos, seguindo-se os três últimos classificados com a diferença de um ponto, de 5, 4 e 3, este o último.

Vej-se a tabela e descubra-se a verdade.

Benfica 4	— Guimarães 0
Académica 3	— Elvas 1
Belenenses 3	— Lusitano 1
Atlético 2	— Estoril 2
Olhanense 6	— Porto 1
Covilhã 1	— Setúbal 0
Braga 1	— Sporting 1

A nota do encontro do Estádio municipal de Coimbra é muito agradável para o Elvas. Este clube fez uma exibição de boa organização da defesa, e aplicação de dois homens na linha da frente. O ataque coimbrão, sacudido pela defesa

adversária, sentiu as dificuldades e baixou de valor. Patalino e Massano fizeram sempre futebol rectilíneo, dando os passes para o melhor sítio e explorando, ou procurando explorar, as oportunidades.

A este conjunto decidido a perder pelo menor número de bolas possível, o *team* da Académica um *team* desligado na defesa, com repercussão no ataque. O grupo não se entendeu nem se encontrou, mas nem isso abalou a moral da equipa, jogando com autoridade suficiente para ser, apesar de dominada, o *team* de mais capacidade.

A derrota do Porto, por copiosa, tran-formou-se na surpresa da jornada. Mas o desnível aparece como expressão do jogo — para quem o viu. O algarvio atacaram a fundo, desde o primeiro instante, com desembaraço e velocidade, e os ventos correram de feição: o golo de começo abalou o adversário que sentiu o terreno fugir-lhe debaixo dos pés. E sucedeu apenas isto: as jogadas passaram a sair ao Olhanense todas bem, e ao Porto todas mal. De outras vezes terá acontecido o contrário...

Para cúmulo, Gasão teve de abandonar a partida e o facto foi bem aproveitado. A superioridade dos algarvios verificou-se em toda a linha.

O desafio da Covilhã deu o triunfo ao grupo local, em luta aguerrida de parte a parte, opondo os setubalenses ené gica reacção ante um *team* que se exibiu com mais organização. O Belenense, onde reapareceu o gigantesco Vasco, conseguiu uma actuação agradável com a velha pecha de não marcar bolas. O Lusitano resistiu com energia. O Benfica não fez ainda o *jeu* que todos os adeptos desejam, mas ganhou facilmente. Na primeira parte, o Vitória não cedeu, mas depois o fôlego faltou e tinha de ser...

Atlético e Estoril travaram um pleito muito r-nhido. Os rapazes do Estoril impressionaram pela característica de ligação. Também em Braga se disputou uma partida extraordinária, de vigor e energia, com excelentes momentos e com uma variação de futebol, ataques num e noutro lado e a dúvida até o final. É a dúvida, legitimamente, que ainda paira na competição e em todos os lugares, desde o mais alto ao mais baixo, ainda que haja vislumbres do que vai suceder... Nem todos se podem enganar.

Classificação geral

	CASA					FORA					TOTAL					
	J	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.		
Sporting	7	3	—	16	3	2	1	10	5	5	1	1	26	8	11	
Benfica	7	3	1	14	2	2	—	9	4	5	1	1	23	6	11	
Académica	7	4	—	16	3	—	3	—	4	4	3	—	20	7	11	
Atlético	7	1	3	10	4	1	—	2	2	2	3	2	12	10	7	
Sp. Braga	7	2	1	10	5	1	—	2	4	3	1	3	14	12	7	
F. C. Porto	7	3	—	11	3	—	1	3	3	12	3	1	3	14	15	7
Belenenses	7	2	1	1	6	—	2	1	4	2	3	2	10	15	7	
Sp. da Covilhã	7	2	2	—	10	—	1	2	4	13	2	3	2	14	19	7
Estoril	7	1	—	2	2	—	4	—	11	11	1	4	2	13	17	6
Olhanense	7	2	1	1	12	—	1	2	2	12	2	2	3	14	19	6
V. S. tubal	7	2	1	—	10	—	1	3	3	10	2	2	3	13	16	6
«O Elvas»	7	2	1	—	4	—	4	3	11	2	1	4	7	13	5	
V. Guimarães	7	1	2	—	8	—	4	3	16	1	2	4	11	23	4	
Lusitano	7	1	1	1	6	—	4	4	16	1	1	5	10	21	3	

Braga, 1-Sporting, 1



Azevedo, com a colaboração de Manuel Marques, antecipa-se ao toque de cabeça de Mario



O extremo-esquerdo de Braga, Sardinha, o homem que marcou o golo do seu clube, faz uma jogada de cabeça e libra-se de Barrosa

COMEÇA esta noite a disputar-se, às 0 horas, a Volta a Portugal em automóvel, que o Clube 100 à Hora organiza sob o patrocínio dos grandes jornais «O Século» e o «Diário de Lisboa».

Trata-se de um grande acontecimento, do qual daremos uma interessante reportagem gráfica e técnica, a cargo de enviados especiais. A competição consta de quatro etapas, duras, apesar da média de quarenta e cinco quilómetros, se atendermos às condições em que se desenvolve, e de cinco provas complementares, qual delas a mais difícil.

Concorrem 62 automobilistas, entre homens e senhoras, e pode dizer-se que todos os *volantes* portugueses de categoria estão na prova. Ao princípio julgou-se que esta não tentaria os automobilistas, mas, a pouco e pouco, apercebendo-se do interesse e da grandeza do acontecimento, os

AUTOMOBILISMO

Começa hoje a Volta a Portugal com 62 concorrentes

corredores nacionais acorreram, respondendo à chamada. Jamais houve em Portugal um empreendimento desta natureza.

A lista dos concorrentes com a respectiva numeração é a seguinte:

59, D. Laura Pinto de Magalhães; 35, António Leitão de Oliveira; 51, Carlos Alberto Borba Baeta; 57, Joaquim Rios de Oliveira; 7, Simon Knudsen Hansen; 53, José Emídio da Silva Junior; 55, Manuel González Rey; 60, Alberto Nunes de Carvalho; 48, Arnaldo Santos Baptista; 26, Pedro Teles; 18, Manuel dos Santos

Pinto; 31, Fernando Stock; 3, Vitor Manuel Alves da Costa; 6, Adriano Brito de Morai; 8, Luis Filipe Aguiar; 1, Martinho Lacasta; 29, Afonso Burnay; 37, Alvaro Arnaud; 23, Américo Vieira; 58, D. Dália Cunha; 25, Raul Gomes Rodrigues; 46, João Eduardo Ferreira; 41, Eduardo Costa Portc; 36, Rui Gonçalves; 52, António Martins Portela; 42, João Graça; 33, Alberto Graça; 4, Luis de Oliveira; 40, Abílio Correia Lobo; 56, Francisco Correia da Piedade; 9, Daniel de Magalhães; 38, Manuel Ximenez; 22, António Augusto Parente; 24, Fernando Al-

berto Pereira; 10, João Belo Ortigão Ramos; 14, Fernando Mendes de Almeida; 18, Harry Rugroni; 12, Joaquim Filipe Nogueira; 45, Manuel Manuel Nogueira Junior; 54, Carlos Alberto Stella; 11, José Cabral; 49, João Bizarro Soares; 21, José Pacheco; 17, Leoy Miguel dos Santos; 5, José Costa Oliveira; 61, Elias Lopes Rodrigues; 43, Alvaro de Carvalho Cardoso; 47, Henri Querin; 39, Ernesto Martorell; 16, Rui da Silva Cardoso; 44, Carlos Pereira Gonçalves; 15, José Caldeira Furtado Leit; 32, José Ferreira da Silva; 62, Eurico Araújo Veloso Cabral; 27, José Alves Pimenta; 30, João Baptista; 28, David Thorburn; 20, Francisco Marques Gonçalves Dias; 50, João Vicente da Mata e Hortas; 2, dr. Rogério Dias; 19, José de Almeida Garrido; 34, João da Silva Pinto.

Vai travar-se uma luta renhida. Aos nomes dos consagrados opõem-se *volantes* novos, cheios de boa vontade e ilusões, não sendo um dos aspectos mais curiosos o duelo que se vai verificar entre elementos do Norte e do Sul, não esquecendo que há inseridos de outras regiões, com muito interesse.

O fulgôr de vida que se nota no Clube 100 à Hora, que não é nem quero ser uma repartição oficial, fria e insensível, mas uma agremiação que se agita e palpita, querendo sempre fazer mais e melhor em empreendimentos de vulto, apesar das condições em que labuta, impressiona tão fortemente que os automobilistas reagiram do melhor modo, inscrevendo-se em grande número.

Por outro lado, de toda a parte vieram adesões, tornando-se assim possível apresentar uma lista de prémios que impressiona. Quem vencerá a Volta a Portugal? Todos partem com as mesmas ilusões, mas só alguns triunfam. Serão os melhores e mais aptos.



O sr. Domingos Garcia, tendo ao seu lado Costa Alexandre e Alvaro Mota procedem ao Sorteio dos concorrentes, numa cerimónia simples mas de confraternização entre dirigentes e concorrentes

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Constituiu uma verdadeira lição de esgrima de punhos o combate travado em Paris, no qual participaram Manuel Ortiz, campeão mundial de «levíssimos» e Teodoro Medina, campeão de França.

O Palácio dos Sports encheu-se a transbordar, não faltando entre os espectadores o popular Maurice Chevallier, grande entusiasta da modalidade e outrora praticante de mérito.

Medina desceu quatro vezes à lona e salvou-se do *knockout* graças à sua coragem indomável.

Em Londres, Randolph Turpin, o mulato que detem o título inglês de «médios», venceu o americano Peter Mead, forçando-o a desistir no fim do 4.º assalto.

Na mesma arena de Harringay, e no mesmo espectáculo, Danny O'Sullivan pretendente ao campeonato britânico da categoria «levíssimos» liquidou o campeão da Bélgica Miguel Verharme em 53 segundos, aplicando-lhe na ponta do queixo um golpe curvo de execução perfeita.

Ainda em Harringay, Eddie Thomas apropriou-se do título britânico de «semi-médios» vencendo por pontos o antigo detentor, Henry Hall, ao cabo de 15 assaltos bem disputados.

O combate mais breve daquela sessão durou apenas 12 segundos. Eddie Van, do condado de Essex, pôs fora do combate em 2 segundos (excluída a contagem) o jogador de Manchester, Georges Stern. Ambos são da categoria de «pesados».

Nos Estados Unidos os desafios mais importantes da semana foram os seguintes:

Ray Robinson — campeão mundial de «semi-médios» — embora ganhasse a Vern Lester, por K.O. ao 5.º assalto, em Nova Orleães, esteve prestes a sucumbir, pois o seu adversário pô-lo no chão entre o 2.º e 3.º assaltos por mais de 30 segundos. Salvou-se devido ao minuto de descanso.

Robert Villemain enfrentou Tony di Mico, em Nova Iorque, saindo vencedor por pontos, ao cabo de 10 assaltos. Deve combater Jack La Motta no dia 7 do corrente mês, mas o título de «médios» não estará em disputa. Ike Williams, campeão mundial de «leves», enfrentou o veterano francês Jean Walzack, e derrotou-o por pontos, ao cabo de 10 assaltos, na cidade de Filadélfia.

Joe Louis regressou ao ringue, mas para fazer exhibições. A primeira, efectuada em Boston, contra o pesado Johnnx Shkor teve todo o aspecto de um combate. Louis derrubou Shkor por duas vezes e mostrou-se brilhante. Parece que o seu regresso à actividade está por pouco.

Disputou-se em Paris o campeonato de França de «leves», sendo adversários Baour, titular, e Morales, protegido de Cerdan.

Depois de um primeiro assalto equilibrado o detentor do título aplicou um golpe seco à ponta do queixo, despatchando o antagonista por *Knockout*.

Tibério Mitri, campeão da Europa, exhibiu-se com «grado ante Gilbert Stock e Charles Iumets, ante o veterano espadachim holandês Giel de Roode, conquistou uma vitória pontual bastante fácil.

NOTA DA SEMANA

O problema da segurança aérea, que tanto preocupa os construtores de aeronaves, as companhias de tráfego e passageiros eventuais, mudou agora de rumo.

A memória dos desastres de Superga e de Pico Redondo reavivou recordações e acordou o temor natural de muitos desportistas prudentes e avisados, entre os quais citaremos os jogadores do grupo de honra do Real Clube Desportivo Espanhol, de Barcelona.

Accedendo aos desejos manifestados por alguns futebolistas, a Direcção do clube determinou que, em futuras deslocações, se utilizem os meios de transporte terrestres, por mais seguros e confortáveis.

Esta resolução tem muito de acertada, ainda que pareça timorata ou choque a sensibilidade das pessoas audaciosas. É que, por motivo de diversos factores e até da rotina dos costumes, os fabricantes lançam-se abertamente na via do mais rápido sacrificando todas as outras vantagens. Por outras palavras, o objectivo da aeronáutica continua dependente de considerações de ordem militar, ficando para trás aquelas que primeiro se impunham sob o ponto de vista de transportes em tempo de paz.

Só uma forte abstinência por parte do público, que implicasse novos empreendimentos na senda das construções, poderia solucionar o problema.

Todos apreciamos viajar depressa, confortavelmente e com um mínimo de risco. Confessá-lo constitui um acto de sinceridade, não ficando mal a ninguém preferir os caminhos da raposa, sensata e prudente, aos arrojados das águias frágeis que percorrem o Céu.

É esta a verdade verdadeira, conforme sentenciam os oradores acacianos.

NÃO queremos tornar a referirmo-nos ao futebol argentino de escandalosas batalhas ultra-partidárias, que têm supurado extra fronteiras.

Infelizmente os conflitos acumulam-se, dando origem a episódios como estes, a seguir descritos:

Fallam cinco jornadas, não somente, para a conclusão do campeonato da Argentina e o Racing segue à frente, com mais dois pontos que o River Plate, perseguido pelo Newell's Old Boys e pelo Platense. Durante o encontro Boca Juniors — populartíssimo — e o primeiro classificado, sucedeu uma dos diabos!

«Boca» dominou todo o primeiro tempo. Na segunda metade, estando ambos empatados a uma bola, o Racing inverteu os papéis conseguindo o golo do desempate, a quinze minutos do tempo regulamentar.

Os jogadores do Boca reclamaram contra o tento, alegando que Sned estava fora de jogo, mas o árbitro validou o ponto e os «furiosos», que vociferavam nas bancadas, saltaram ao terreno, forçando o árbitro a suspender o desafio.

Outro «pé de vento» similar produziu-se quando o San Lorenzo de Almagro, jogando bem mas com a sorte contrária, saiu derrotado pelo Huracán. Mudando de processos, os partidários dos laurentinos resolveram castigar os próprios ídolos, mais os dirigentes, e organizaram uma espera de tomo para linchá-los.

Só precauções fortes, embustes e automóveis salvadores puderam neutralizar os propósitos dos coléricos, pondo todos a salvo.

É inútil comentar os sucessos aludidos. Para quê? Tudo quanto nos ocorreu noutras ocasiões tem actualidade e só lembramos, aos cineastas de Hollywood, que escolham o futebol argentino como tema de um drama a fixar no celuloide, com alucinantes.

RAFAEL BARRADAS

Ciclismo

Os Seis Dias de Bruxelas foram ganhos pelo par Kint-Van Steenberg, que cobriu a distância de 3.216 quilómetros. Em segunda posição classificou-se a parilha holandesa Schulte-Peters, e em terceiro lugar os velocipedistas belgas Thyssens-Ollivier.

Tiro

O campeonato mundial que se celebrou em Buenos-Aires, constituiu um marcado triunfo para os suecos e argentinos. A equipa sueca obteve 20 pontos e a argentina 19, seguindo-se-lhes a Finlândia, Noruega, Estados-Unidos, Suíça, Sudeslavia, Uruguai, Brasil e Espanha, estes dois últimos países apenas com um quarto lugar.

O campeão mais completo foi o argentino Cagnasso, que alcançou o melhor total nas quatro provas do torneio: espingarda de guerra, espingarda livre, carabina e pistola livre. A prova mais importante (espingarda de guerra) foi ganha pelo sueco Erben com 529 pontos.

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-G

Telef. 30078

LISBOA

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

FERNANDO MOREIRA na equipa Bartali

NÓS acreditamos porque a notícia foi igualmente transmitida ao público por intermédio do jornal Porto, órgão dos campeões nortenhos. Do contrário, não acreditaríamos, a despeito da presença nesta cidade e por certo no «caso» do excelente corredor Atilio Lambertini.

De qualquer modo, porém, verdade ou simples fantasia, sabe-se que Fernando Moreira gostará de ir até Itália e alinhar junto de Bartali. Quer isto dizer que o corredor português abandona as nossas provas velocipedicas?

Procurámos ainda não há muito, nos meios ligados ao ciclismo, saber o que se pensava sobre a notícia, mas pouco nos puderam dizer. Uma voz autorizada afirmou-nos que Fernando Moreira fará «mau negócio», precisamente, mas que o seu clube não vai opor-se de maneira alguma aos seus projectos, de mais a mais

porque se promoverá uma reforma grande nos sistemas até aqui seguidos.

Em nosso entender, Fernando Moreira não está de facto em forma que o classifique para cometenimento de tamanho vulto. Além disso, Bartali precisa cada vez mais de velocipedistas que lhe amparem a classe, e se Fernando Moreira quiser brilhar individualmente, não o deverá conseguir.

Claro que tudo isso é com ele e não com os seus amigos e a critica. Mas tratando-se de uma figura que marcou o seu lugar no ciclismo nacional, cabe-nos também o dever de dar conselhos e estabelecer doutrina que o guie e defenda de contrariedades.

Não se desconhece que Fernando Moreira está em crise desde a «Volta a Portugal», onde entrou depois da visita a S. Paulo. Porque não se prepara primeiro cuidadosamente, a fim de reconquistar o prestigio abalado? Precisa para isso de ser o possível «aguadeiro» de Gino Bartali? Não nos parece. Fernando tem no Porto uma grande corte de amigos e de justificadas Simpatias. Logo, basta-lhe que se aproveite com todo o cuidado e se imponha primeiro cá dentro — embora experimente as suas possibilidades lá fora, mas sem servir de degrau para outros subirem, sem se deixar guiar por amigos de fresca data.

Está novo e tem fibra de campeão. Não lhe será difícil triunfar aqui mesmo! Experimente...

Mais uma vez...

CONTINUAREMOS a recordar que nem campeonatos nem jogos de categorias inferiores se effectuam até aqui antes dos principais desafios. Isto no Porto, claro está. Temos ido a Guimarães e a Braga, por exemplo, e antes do desafio da tarde assistimos a um encontro entre equipas secundárias...

Na capital do Norte parece esquecer-se lamentavelmente a influencia da preparação dos grupos de reserva e de segunda categoria, e temos até que alguns dos principais clubes antes quiseram pagar 500\$00 de multa do que concorrerem ao torneio de segundas em projecto.

Deste modo, não tendo onde jogar nos grandes clubes, naturalmente da sua maior simpatia, os jogadores escapam-se para outros em procura do seu entretenimento predilecto. Sempre queríamos saber, na verdade, porque se procede assim. Contar apenas com uma equipa de honra e 4 ou 5 suplentes, não nos parece processo aceitável e digno dos aplausos gerais.

Quando os clubes precisarem de gente nova e treinada, limitam-se a procurar noutros centros a gente que lhes falta? Mas isso tem os seus perigos, as suas dificuldades. Parece-nos que será bem melhor olhar pelos novos da casa e pelas categorias inferiores!

O sr. ministro das Obras Públicas deverá presidir no dia 1 de Dezembro próximo ao lançamento da primeira pedra do Estádio das Antas. No mesmo dia assistirá ao desafio Porto-Salgueiros, no Estádio do Lima.

❖ No fim do mês de Dezembro próximo estará pronto o primeiro fascículo de uma importante obra desportiva, de que é autor o nosso camarada Rodrigues Teles: — «História do Futebol Clube do Porto».

Para este livro em fascículos de 100 páginas cada, formato largo, foi pedida pelo autor a colaboração dos conhecidos jornalistas seus amigos: dr. Tavares da Silva, Raul de Oliveira, Cândido de Oliveira, major Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas, Alberto de Freitas, Manuel Mota, Alves dos Santos, Rebelo da Silva, Luis Martins, Adriano Peixoto e Alves Teixeira. Todos eles contarão um episódio que se relacione com a vida do importante clube.

❖ Um jogador ainda novo na equipa de F. C. do Porto teve qualquer acto rebelde, há semanas. Consta que serão tomadas atitudes repressivas, por parte da direcção do campeonato português.

❖ O corredor Atilio Lambertini saiu já desta cidade, mas prometeu voltar, para correr pelo novel Centro Ciclista de Gaia, com seu irmão Dino. Posta de lado a ideia dos vilanovenses se dedicarem ao ciclismo pelo processo errado de apresentar estrangeiros antes de criar valores nacionais, permitimo-nos achar curiosa a despedida de Lambertini: «ameaçando» em vez de agradecer aos provincianos «trapeiros» muito dinheiro que ganhou... antes e depois da Volta. Lambertini diz que mostrará o que vale... Compreendemos. Mas até parece que nunca foi «doméstico», na sua linda Itália!

O valoroso estradista que, como dissemos, ganhou em Portugal, durante poucos meses, boa quantia em escudos, afirmou numa entrevista que Virgílio e Serafim, por exemplo, deveriam partir imediatamente para a Itália, onde receberiam «mundos e fundos». Entretanto, Lambertini antes que cavar em minas portuguesas...

❖ O desportista José Donas promove no dia 8 de Dezembro um banquete de confraternização entre sócios e amigos do F. C. do Porto. O numero de inscritos é grande, mas nem todos pensam como o bem intencionado José Donas. Um dos desportistas que havia dado a sua adesão, José Teixeira Aroso, homem da velha guarda, por exemplo, antes quiz enviar os 70 escudos ao padre e professor Marcelino da Conceição, que dirige no jornal do seu clube uma das campanhas pré-Estádio. Se todos fizerem assim, diz Teixeira Aroso, o banquete não se realiza, mas algumas boas pedras se comprário para as Antas... Achamos que ambos têm razão.

❖ Vai ser prestada uma significativa homenagem a Alberto Brito. E' -lhe atribuída na sua qualidade de presidente da União dos

Grémios do Porto, e promovemos na 27 presidentes de pequenos grémios inscritos no importante organismo que Alberto Brito superiormente dirige. No entanto, não é possível separar do acontecimento a sua personalidade como desportista de primeira água, e que ainda há pouco defendemos nesta página, a propósito das eleições da Federação de Futebol.

Associamo-nos, por isso, à homenagem que Alberto Brito merece e soube conquistar com dignidade.

❖ Barrigana desmente no nosso colega «Norte Desportivo» que esteja em negociações com o Benfica ou qualquer clube. Nós acreditamos que Barrigana, de facto, nem sempre esteja disposto a brincar. Quando falou ao nosso colega, por exemplo...

OLHANENSE, 6—PORTO, 1



Golo! Monteiro da Costa ocorreu com presteza e marcou a «bola solitária» do F. C. do Porto. Abraão nada pôde fazer



Azaredo eleva-se, tendo ao seu lado Diogo e Palalino e liga o passe com Castela



Capela conseguiu desviar a bola para fora, num momento em que todos já a viam dentro das balizas...

Académica

venceu

«O Elvas»



por 3-1

Palalino ultrapassa Branco, mas não rematará em condições de golo!

V A S C O

**volta
ao jogo**



O conhecido jogador do Bele-nenses estreou-se no domingo contra o Lusitano. Deu mais consistência à defesa, apesar de destreinado. Regista-se com louvor a sua atitude, regressando ao jogo — ao clube. A sua presença no relvado das Salésias constituiu belo exemplo de dedicação clubista

ARCADIA DANCING DE LUXO

APRESENTA PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

ORQUESTRA LOS LATINOS

EM PLENO TRIUNFO

Os bailarinos dinamarqueses

A parêlha de baile e canto

Prulí & Talow

Olympia & Roga

Marg M-ig, Ballet Seis Estrelas, Rose y Mory, Mabel Valencia, Lolita Valladares, Carmencita Vinas, Juanita Castiño

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista JULIETA RODRIGUES

BREVEMENTE: Inauguração das quintas-feiras elegantes